



Fraternidade de Nuno Álvares

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS FILIADOS DO CORPO NACIONAL DE ESCUTAS - ESCUTEIROS CATÓLICOS PORTUGUESES

A MÍSTICA DA FNA

Começamos por referir o que o Padre Manuel Fonte, então Assistente Nacional do CNE, escreveu sobre a Mística: “A mística é o mistério e o segredo” e ainda “que as propriedades principais do estado místico são duas: a passividade da alma, inundada por dons sobrenaturais, e a simplicidade com que se produz a união com Deus.” A mística é o estado de alma, depois de libertada do pecado. É o que podemos chamar um estado iluminativo. A base da vida mística está na contemplação como experiência que Deus outorga ao homem, a qual não é adquirida por meios naturais.

Para melhor se compreender o que à frente de escreve relativamente à FNA, recordamos por exemplo, o que se considera para as quatro secções do CNE e tido como a sua mística:

I Secção - Lobitos - A mística para as crianças inspirou-se no espírito de S. Francisco de Assis, o irmão entre os irmãos, um poeta e cantor entre as imensas criaturas de Deus, personagem simples, humilde, pacífico e afável do Universo. Depois como pano de fundo tem a Selva densa e misteriosa, tal como Kipling descreveu em “O Livro da Selva”, tendo com protagonista Mágli, uma criança criada entre os lobos, caricaturando as restantes personagens, os animais, com o que os homens têm de bom e de mau. Nos primeiros destacam-se Àquêlà o chefe da alcateia dos lobos e os dois mestres, Bálu, o urso forte e sabichão e a Bâguirà, a rápida e valente pantera negra, e também a protectora Cá, a enorme jibóia e muitos mais animais. Nos maus podemos incluir o feroz tigre Xer Cane, o adúlador chacal Tábàqui, os Bândarlougues, macacos sujos e mentirosos e ainda outros.

II Secção - Exploradores - A mística dos rapazes e raparigas desta Secção inspirou-se na lenda e história de S. Jorge, escolhido, também, por Baden-Powell para patrono mundial do Escutismo. A lenda fala-nos do cavaleiro, da dama e do dragão, que mais não era que a luta do bem contra o mal, que nos acompanha até aos dias de hoje. Jorge de Anicii tinha nascido na Capadócia e era filho de nobres cristãos; mais tarde foi um valente soldado palestino e por fim um grande mártir da Igreja Católica, porque nunca renegou a sua Fé, preferindo a tortura e a morte. A sua vida oferece aos jovens exploradores um exemplo magnífico de vida. Sobre esta figura assenta como cenário a própria natureza, local por excelência para a prática do Escutismo. Toda esta mística é ainda enriquecida com as histórias bíblicas dos heróis do Povo de Deus.

III Secção - Pioneiros - A mística dos adolescentes do CNE, assenta principalmente no mito do pioneiro, e neste se mistura o espírito da procura, da descoberta, da aventura, da construção e da acção, tudo para a realização de um desejado e ambicionado Mundo Novo. A todo este desafio, juntamos ainda a figura do pioneiro que foi S. João de Brito. A sua vida e obra serve de modelo pela sua audácia, tenacidade, santidade e por último pelo seu sacrifício demonstrando uma fidelidade infinita a Jesus Cristo. Foi pioneiro na procura de Deus, foi pioneiro no amor aos irmãos e no serviço gratuito ao próximo.

IV Secção - Caminheiros - A mística dos jovens adultos escuteiros foi escolhida a partir dos valores do Homem-Novo, empenhado na sua vivência em todos os momentos da vida e ainda inspirado no projecto das Bem-Aventuranças, que apela ao serviço, que ajuda a criar o ideal proposto aos caminheiros. Depois, tudo se valoriza ainda mais com a escolha de S. Paulo, para seu patrono. Quem melhor define o caminho como um testemunho de vida? Tudo isto procurando sempre os sinais positivos no caminho, evitando os escolhos da vida, tal como nos conta Baden-Powell no seu livro “A Caminho do Triunfo” em que compara a vida como uma viagem de canoa. A finalidade será a procura eterna da felicidade, mas só tendo sempre como companheiro de viagem, Jesus Cristo.

Podemos ainda referir a mística da Igreja Católica, sentida pelo silêncio e a penumbra das igrejas ou conventos que nos convida à reflexão, à meditação e à oração ou referir-nos aos clubes desportivos, onde vulgarmente se fala da mística clubista, revelada pelo fervor dos adeptos, as cores dos equipamentos, os gritos e os cânticos das claques organizadas, etc.

Vejamos então em que se baseia a mística da Fraternidade de Nuno Álvares.

À Fraternidade dos Antigos Escutas do CNE foi-lhe indicado como patrono a figura notável de um ser humano, que se destacou ao longo da vida por defender valores em que sempre acreditou, e que muito se aproximam dos mesmos que os escuteiros querem fazer todo o possível por cumprir: Essa figura notável foi D.NUNO ÁLVARES PEREIRA.

É nesse contexto e nesta personagem em quem podemos assentar toda a nossa mística: por um lado temos o herói, que o foi valorosamente com feitos importantes e inesquecíveis, e que de certo modo todos desejamos imitar ainda hoje. Não já o herói de capa e espada nem tão pouco o da banda desenhada ou dos filmes. Queremos ser heróis na vida quotidiana: o herói que arrisca a vida quando se senta ao volante do carro para ir trabalhar ou quando viaja de avião ou de navio; o herói quando luta pela sobrevivência para criar a sua família e educar os filhos; o herói quando enfrenta o egoísmo, a vaidade, a corrupção, a falta de lealdade, a inveja... tanto na fábrica como no escritório, como junto dos amigos ou meramente dos conhecidos. D. Nuno indica-nos sempre a tomar o caminho como um líder um chefe e não como um indivíduo amorfo; valente e não covarde; animado e não enfadonho, alegre e com bom humor e não triste ou aborrecido.

A outra vertente de D. Nuno inspira-nos a chegar à santidade, objectivo final de qualquer cristão. Não devemos esquecer a mensagem do papa João Paulo II, quando nos apela: “não tenham medo de ser santos”. D. Nuno ofereceu-nos o exemplo de solidariedade principalmente com os mais pobres; a humildade é revelada pelo abandono e doação da sua imensa fortuna, só equiparada ao do próprio rei, distribuída por aqueles que mais precisavam. A suavidade e a doçura da sua vida pura encontrou lugar quando se recolheu na Ordem dos Carmelitas, onde trocou as ricas vestes e a luzidia armadura, pelo burel castanho e remendado de um simples monje, como desejava ser o último servidor de Deus.

Por analogia podemos comparar parte da sua vida como a de um verdadeiro escuteiro. Se não vejamos. Começou como escudeiro da rainha, ainda muito novo, tendo para isso de fazer as “provas de adesão” que na época eram normais: comportamento na corte, etiqueta nas refeições, domínio das armas, treino de equitação, o gosto pela leitura, e muitas outras provas. Depois de ter ultrapassado as provas com êxito foi aprovado e investido como cavaleiro, aceitando as leis da cavalaria e do reino, ficando na véspera em meditação toda a noite, em abstinência e oração, a que podemos chamar estar em velada de armas ou em vigília de oração. Na manhã seguinte, foi vestido como cavaleiro, recebendo o arnês, as esporas, o elmo e por último a espada, seguindo-se depois o juramento. Como madrinha teve a própria Rainha D. Leonor. Todo este cerimonial leva-nos a comparar com a Promessa escutista, quando o escuteiro já trajando o uniforme, recebe as insígnias, o assistente coloca-lhe o lenço, a madrinha o chapéu ou o “beret” e por fim o chefe cumprimentando-o entrega-lhe a vara, saudando-o.

O Mestre de Avis, mais tarde D. João I era o chefe a quem D. Nuno prometeu fidelidade e respeito, e pelo seu mérito pessoal levou-o a alcançar o comando supremo do exército português, sendo designado como Condestável de Portugal.

É o caminho exemplar de um bom escuteiro que vai conquistando, ano após ano, as várias etapas de progresso, as suas competências e especialidades, os prémios, até vir alcançar a honra de ser designado Cavaleiro da Pátria.

Estes são os dons naturais do escuteiro, que transforma a simples boa-acção em actos profundos de solidariedade até mesmo de abnegação, por vezes com risco da própria vida; nesse sentido a galeria dos escuteiros heróis estende-se por todo o mundo.

É esse o nosso ideal, é esta a nossa mística, que por um lado tem como cenários os campos dos Atoleiros, de Aljubarrota ou de Valverde e por outro lado as ruínas do Convento do Carmo, em Lisboa, onde o Beato Nuno de Santa Maria morreu. Os seus restos mortais encontram-se actualmente na Igreja de Santo Condestável também em Lisboa.

Quando alguém lhe perguntar: qual é a mística da FNA? conta-lhe esta história, à sua maneira, não esquecendo que ninguém cumpriu melhor os deveres para com Deus, a Igreja e a Pátria que D. Nuno Álvares. Ele foi um bom cidadão e filho de Portugal, lutando sempre pela sua liberdade. Foi bom filho, bom marido e um esforçado pai, o que muito nos orgulha ter como patrono e modelo da nossa Associação.

